

Literatura Comparada e Tradução : algumas observações¹

Sandra Bermann^{***}

Pensar sobre o papel da tradução na história literária e cultural traz à tona uma consciência aguçada de seu potencial transformador. De Cícero a Lawrence Venuti e Maria Tymoczko encontramos testemunhos do poder, e também das funções complexas e variáveis, da tradução. À medida que o papel da tradução no contexto pós-colonial, pós-estruturalista e pós-, sub- e inter-nacional se lança no cenário mundial hoje, sua capacidade tanto de estender a vida dos textos literários e culturais mas também de intervir em seus efeitos globais vem à tona. Acredito que repensar a tradução no século vinte e um pode refinar e expandir nossas opiniões quanto à leitura e à crítica comparada. Idealmente, uma atenção especial à tradução poderia nutrir um modo de leitura textual e linguisticamente particularizado no qual a prática de tradução é entendida tanto como local quanto como global, específica ainda que conectada a afiliações e solidariedades mais amplas. Tal abordagem orientada pela tradução, baseada em teorias e práticas de diferentes partes do mundo, poderia preparar a literatura comparada para desempenhar um papel particularmente aberto e democratizante nos estudos literários da atualidade.

Evidentemente, assim como qualquer pessoa que escreve, considero essa questão não a partir de uma perspectiva imparcial, mas de um ponto de vista muito particular. No meu caso, é um Departamento de Literatura Comparada fundado por um renomado tradutor de textos gregos e latinos, Robert Fagles, e que muito cedo se comprometeu com a importância pedagógica e acadêmica da tradução. Recentemente, esse departamento criou um curso de graduação específico em Tradução e Comunicação Intercultural, idealizado para atrair alunos não só das áreas humanas, mas também das ciências sociais, ciências naturais e engenharias. Nele, colegas da Literatura Comparada, juntamente com outros de outros departamentos do campus, treinam um diversificado grupo de graduandos na especificidade das línguas, culturas, assim como na teoria e prática da tradução. A criação de programas e cursos de tradução e de Estudos de Tradução não é uma exclusividade de Princeton, o que atesta um crescente interesse nesses campos de estudo.

Tal mudança institucional nada mais é do que um sinal da recente e produtiva aproximação da literatura comparada em relação às questões de tradução. Igualmente impactante é o número crescente de congressos e sessões de congressos assim como escritos acadêmicos dedicados a elas. Muitos congressos emanam dos programas e departamentos de estudos de tradução. Mas um número cada vez maior de congressos de literatura agora incorpora as questões de tradução ao âmbito de seus interesses acadêmicos e pedagógicos. Encontros anuais recentes da Associação Americana de Literatura Comparada (AALC), da Associação Internacional de Literatura

¹ Texto introdutório do Fórum II: Traduction et Traducteurs / Translation and Translators, publicado na Revista Recherche Littéraire / Literary Research da Associação Internacional de Literatura Comparada (v. 26, Summer 2010).

* Princeton University (EUA).

** Tradução Profa. Dra. Neusa da Silva Matte (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Comparada (AALC) e mesmo da Modern Language Association (MLA) aqui nos Estados Unidos registram essa tendência, algumas vezes de forma dramática.

No encontro da AALC de 2008, em Long Beach, *Arrivals and Departures*, muitos seminários trataram de questões fundamentais da pesquisa e da pedagogia da tradução. Um, por exemplo, tratou da tradução e *translatio* em culturas medievais, enquanto outros enfocaram a tradução na vanguarda, e na institucionalização da tradução no currículo universitário norte-americano. Nos anos seguintes, o interesse por trabalhos e sessões relacionadas à tradução aumentou. Em 2009, no congresso da AALC em Harvard intitulado *Global Languages, Local Cultures*, um número muito maior de seminários e de trabalhos individuais exploraram questões de línguas, tradução e transmissão. Enquanto uns trataram da tradução literária em termos de gênero e sexualidade, outros examinaram a tradução vista a partir de diferentes partes do globo, e ainda outros consideraram sua relação com a literatura mundial. O encontro da AALC da primavera de 2010 continuou a perseguir essas direções linguísticas e tradutórias, como sugere seu título *Creoles, Diasporas, Cosmopolitanisms*. Um número expressivo de sessões explorou os efeitos linguísticos e culturais da migração e da diáspora na tradução literária, enquanto outras abordaram o papel desses fatores no ensino de textos traduzidos e na conformação acadêmica de nossa compreensão da Literatura Mundial e da Literatura Comparada de forma mais geral. Tais questões serão centrais na AALC 2011, *World Literature/Comparative Literature*, que será sediada pela Simon Fraser University em Vancouver, British Columbia, assim como no encontro da AALC na Coreia, *Expanding the Frontiers of Comparative Literature*. Nesse caso, o congresso especificamente convida a tradução no século XXI a colocar-se nas linhas de frente do intercâmbio mútuo genuíno entre diferentes culturas. (Chamada de trabalhos, segunda circular.)

Tornou-se evidente no último encontro da MLA, em dezembro de 2009, que um interesse vivo pela tradução e pelos estudos de tradução extrapola os limites da literatura comparada para os departamentos de inglês e de língua estrangeira. O discurso da presidente, a professora Catherine Porter, e os fóruns presidenciais associados sobre *The Tasks of Translation in the Global Context* trouxeram de volta a importância da tradução para todos os campos literários.

Esses importantes congressos assinalam o novo interesse que se constrói em torno da tradução. Mas também apontam para transformações mais amplas - tanto em nosso mundo cada vez mais globalizado, onde o papel da tradução, frequentemente não reconhecido, cresce em penetração e visibilidade, quanto na academia.

Um grande número de livros influentes da década passada fornece modelos para descrever ou interpretar a circulação de textos literários - e começam a tratar do papel da tradução dentro dela. Entre eles, deve-se notar, em especial, a *República Mundial das Letras*, de Pascale Casanova; *Graphs, Maps, Trees: abstract models for a Literary History*, de Franco Moretti; assim como *What is World Literature?*, de David Damrosch. Ao salientarem de diferentes formas o status e a natureza das trocas textuais ao longo do tempo e do espaço, esses manifestos amplos e definidores afirmam, direta e indiretamente, a necessidade de se pensar a história e o atual papel da tradução. Em alguns casos, e particularmente na obra de Damrosch, essa questão torna-se especialmente significativa, abrindo novas direções para o estudo da Literatura Mundial.

Outros livros da área enfatizam a importância da língua e da tradução para uma nova literatura comparada. Há mais de uma década, Susan Bassnett defendia uma conexão mais próxima entre a literatura comparada e a tradução e que os estudos de tradução fossem a disciplina principal a partir de agora, com a literatura comparada como uma área valiosa, mas subsidiária (161). Também naquela época, André Levefere também escreveu seu presciente e ainda influente *Translating Literature: Practice and Theory in a Comparative Literature Context*. Desde então, dois outros renomados teóricos da literatura comparada Gayatri Chakravorty Spivak e Emily Apter têm apresentado opiniões um tanto diferentes. Em *Death of a Discipline (Morte de um Disciplina)* e também em sua série de inovadores ensaios sobre tradução, Spivak defende a importância fundamental da aprendizagem profunda da língua e do agenciamento e comprometimento ético do tradutor para com o outro. Ressaltando o papel da tradução na transmissão de textos literários e culturais, Spivak sugere uma forma nova, mais compreensiva e mais responsável, de se imaginar outras culturas, não somente aquelas dominantes, e estimula um repensar de nós mesmos através dos olhos dos povos emergentes em vez dos dominantes. Para Spivak, um conhecimento profundo das línguas e das áreas de estudo (despojadas da política da guerra fria da qual outrora foram investidas) pode por si só revitalizar a disciplina da literatura comparada. A tradução é uma parte claramente destacada, ainda que complexa, desse esforço.

The Translation Zone: A New Comparative Literature, de Emily Apter, inicia contextualizando a história entrelaçada da tradução e da literatura comparada em seus primórdios transnacionais em Istambul (enfocando Spitzer, assim como Auerbach). Por fim, com base em uma variedade de perspectivas críticas de Spitzer, Said, Derrida e Spivak ela ressalta a necessidade de se manter a questão da língua propriamente dita na linha de frente. Em análises detalhadas de problemas teóricos específicos, ela enfatiza a habilidade da tradução de não apenas permitir ao texto continuar a viver. Ela também enfatiza o seu potencial para transformar, e especialmente para invalidar crenças culturais e linguísticas restritivas. Encontrando, nas falhas de linguagem e em seus impasses intraduzíveis, os meios para separar nossa compreensão das palavras de seus estereótipos entranhados e de simplificações culturais, ela revela o potencial da tradução e da literatura comparada para criar novo espaço imaginativo para as humanidades.

As visões de Spivak e de Apter cruzam-se com, convergem para e expandem alguns dos últimos trabalhos de Said, assim como as contribuições de vários outros críticos pós-coloniais e pós-estruturalistas importantes. Elas também abordam temas desenvolvidos de formas diferentes através do que se denominou a virada cultural nos estudos de tradução, expressos na obra de figuras como Lawrence Venuti, Theo Hermans, Paul Bandia, Michael Cronin, Jeremy Munday e Maria Tymoczko. Esses teóricos registram mudanças importantes na história dos estudos de tradução a partir do início dos anos 90, deslocando a ênfase sobre a linguística para o contexto e a função e das idéias eurocêntricas para uma nova abertura a teorias e práticas de outras culturas. Sob a influência da teoria pós-colonial e pós-estruturalista, os estudos da tradução também revelam respostas carregadas de valor linguístico para situações específicas: de que forma diferentes tipos de tradução poderiam afetar o modo como pensamos sobre as nações (coloniais e recém emergentes), culturas, (dominante, subversiva, diaspórica) e os tradutores individuais?

Entre tais figuras explicitamente associadas à literatura comparada e aos estudos de tradução, Venuti se afirma como uma das mais conhecidas e produtivas. Obras como *Os Escândalos da Tradução* e *A Invisibilidade do Tradutor*, como também *The Translation Studies Reader* trouxeram grandes avanços na abordagem ao papel da tradução na história - assim como no presente dos estudos literários. Ao lado de Antoine Berman, ele tem enfatizado a necessidade de se usar a tradução não para naturalizar ou para domesticar os textos (a forma usual da tradução literária comercial na Europa e nos EUA), mas sim para estrangeirizá-los, assim enfatizando suas diferenças. A insistência de Venuti no agenciamento e na responsabilidade ética do tradutor teve um impacto enorme sobre nossa consciência do poder transformador da tradução tanto para o bem como para o mal. Outros tradutores e teóricos - tais como Suzanne Jill Levine, Jonathan Munday, Sherry Simon, Luise Von Flotoow, Mona Baker e Theo Hermans - têm enfatizado, de formas diferentes, o poder interveniente do tradutor, assim como as questões éticas e políticas aí implicadas, se ele/ela negocia ou não questões de gênero, de história ou de política contemporânea.

Talvez um dos teóricos mais interessantes no cenário atual, com um longo comprometimento com a literatura comparada, seja Michael Cronin, cujo trabalho enfoca a tradução como uma forma de aumentar nossa compreensão de um determinado texto fonte enquanto negocia com o mesmo a partir de nosso ponto de vista igualmente particularizado (seja como leitor ou como tradutor). Em seu livro *Translation and Globalization*, e mais especialmente em *Translation and Identity*, torna-se claro que o potencial para pensar sobre a tradução dessa forma é que ela não homogeneíze nem se apropria, mas permite que as particularidades da alteridade cultural apareçam apesar de que seja também para serem negociadas pela cultura de chegada. Ao aceitar a tradução como um modo de relação ou de conexão, ele garante que essas relações são tão variadas como o são os seres humanos que as criam, com suas abordagens ideológicas complexas, mentalidades, línguas, e contextos culturais. Na sua visão, a tradução pode realmente nutrir a diversidade na medida em que olha para além do local para afiliações mais amplas e solidariedades de maior alcance: Uma das formas pelas quais nos conectamos com os outros de diferentes línguas e culturas é através da tradução, portanto o comprometimento para com modelos de tradução apropriados e culturalmente sensíveis parece ser central a qualquer conceito de cidadania global no século XXI (*Translation and Identity*, 30).

A obra de Cronin pode ser persuasiva não apenas para estudiosos da tradução, mas também para aqueles em outros campos literários e não-literários, talvez porque, ao aceitar o trabalho de tradução no nível que denomina micro-cosmopolita, ele nos permite pensar o global de formas mais abertas, mas também mais precisas e locais. Ele sugere, por exemplo, que poderíamos estudar literatura e cultura a partir de baixo, a partir do ponto de vista da própria língua, com suas muitas, e frequentemente imprevistas, imbricações culturais e históricas e que poderíamos entrar na discussão crítica a partir de qualquer ponto privilegiado (e não apenas dos pontos hegemônicos do inglês, francês, espanhol ou mandarim) e partir em direção a outros. Dessas formas, seus textos oferecem uma resposta policêntrica para algumas das amplas teorias de enquadramento mencionadas inicialmente, enquanto dão ênfase à importância de uma leitura imanente de textos e contextos.

É evidente que já se ouviu sobre o desafio de se repensar a tradução a partir de diferentes contextos culturais. Além de muitos dos críticos mencionados acima, Paul

Bandia, por exemplo, analisa o papel da tradução na África pós-colonial e particularmente na literatura africana eurofônica em *Translation as Reparation: Orality, Writing and Translation in Postcolonial Africa*. A recente coleção de Theo Hermans, intitulada *Translating Others*, vols. 1 e 2, reúne teóricos da tradução de outros lugares além da Europa e Estados Unidos, especialmente da Ásia, da África e do Oriente Médio. Todos fornecem visões e exemplos para novos Estudos da Tradução. Seu artigo principal, de Maria Tymoczko, nos lembra que o próprio termo tradução tem diferentes significados fora do contexto europeu. Termos usados para tradução na Índia, *rupanta* (mudança de forma) ou *anuvad* (falar depois), ou em árabe *tarjama* (biografia), ou em chinês *fan yi* (inverter), todos revelam valências específicas da tradução, sugerindo a importância de se expandir e questionar as definições de bases europeias (Tymoczko, 22). Ela também ressalta modos específicos em que se alteram nossas noções de tradução por meio de um conhecimento mais amplo de seus contextos mundiais. Por exemplo, a importância da oralidade em muitas culturas sugere uma reavaliação da interpretação e dos intérpretes como categorias nos estudos de tradução. De forma semelhante, um emprego frequente de traduções em grupo desafia as referências a um tradutor individual, usuais na Europa e nos EUA. E tentativas de se criar fronteiras claras entre tradução e outras formas de re-escrita, re-processamento ou de representação de textos-fonte tornam-se mais complexas em um contexto planetário. Poderia haver algum modelo teórico suficientemente abrangente para idéias e práticas de âmbito tão amplo? Tymoczko insiste na importância de buscá-lo, apesar de que tal modelo teria que contar com conceitos agrupados, baseados em afiliações e relações entre exemplos de tradução mais do que em uma definição lógica restrita que agruparia a todos.

Tais idéias e sinais de interesse recentes, apenas brevemente delineados aqui, ressaltam o papel potencialmente transformador da tradução nos estudos de literatura comparada. Partindo, por exemplo, da proposta de Cronin de se enfatizar a análise das bases, no nível local de língua e de cultura, podemos melhor discernir o complexo direcionamento ao outro e fidelidades de qualquer texto literário ou tradução. Tal abordagem, por não aderir a uma idéia frequentemente hegemônica, abrangente de interconexão global, nem a uma insistência em culturas e línguas locais impermeáveis e unificadas, democratizaria nosso trabalho, já que ele apoia e permite um estudo não-elitista sobre bases culturais e linguísticas. Creio que esse tipo de abordagem começaria a transformar nossa compreensão do que tanto os estudos de literatura comparada como de tradução significam.

Mas, para cumprir a promessa dessa nova dimensão nos estudos literários, precisaríamos, como esclarece Tymoczko, de uma investigação sistemática, mais completa, do significado e do papel da tradução em outros contextos culturais ao redor do mundo. Acredito que isso deveria ser estudado por aqueles que vivem e trabalham nessas culturas, que as conhecem bem. Tal estudo, organizado, talvez, como um projeto de longa duração entre colegas da AILC/ICLA, começaria a responder à cobrança que o Congresso da Coreia fez à tradução, de que ela esteja nas linhas de frente das genuínas trocas mútuas entre diferentes culturas.

Sobre essas bases, podemos delinear novas possibilidades para os estudos de literatura comparada, nas quais os papéis da língua, da tradução e das várias formas de re-escrita que permitem a literatura florescer sejam mais claramente enfocados. Elas permitiriam, penso eu, pelo menos três avanços. Um seria uma ênfase renovada na

leitura imanente dos textos literários, concebida agora do ponto de vista do aprendizado profundo de língua e de cultura, típico da tradução, como sugerem Spivak e outros teóricos, mas atenta à complexidade cultural e linguística inerente a cada texto. Um segundo seria uma maior atenção a questões teóricas implícitas na própria língua, incluindo aí a questão dos intraduzíveis ressaltados por Apter e que se fazem perceber, por exemplo, no estudo cultural cruzado do próprio termo tradução. Tais exemplos, amplamente analisados, poderiam ajudar a enfraquecer e invalidar crenças culturais restritivas. Um terceiro seria uma re-descrição da circulação e intercâmbio literários - agora, porém, detalhados a partir das bases e apresentados em termos policêntricos. Novas possibilidades e questões para a troca comercial e literária trazidas pela *internet* também surgiriam aqui, uma vez que as redes culturais que ela elabora transformam as visões convencionais da escrita literária e da tradução quase tanto quanto o conhecimento dos contextos culturais mais materiais da língua. Dentro de tal modelo de circulação literária, as redes policêntricas assumem o lugar de centros e periferias claros, introduzindo o potencial para uma consciência global mais sensível. Disso adviria uma consciência maior de nosso próprio trabalho educativo como não apenas parcial, particular e francamente literário, mas também causador de efeitos mundiais mais amplos.

Referências bibliográficas:

- Apter, Emily. *The Translation Zone: A New Comparative Literature*. Princeton: Princeton UP, 2005.
- Baker, Mona. *Translation and Conflict: A Narrative Account*. London/New York: Routledge, 2006.
- Bandia, Paul. *Translation as Reparation: Orality, Writing and translation in postcolonial Africa*. Manchester UK: St. Jerome, 2007.
- Bassnett, Susan. *Comparative Literature: A Critical Introduction*. Oxford: Blackwell, 1993.
- Berman, Antoine. *The Experience of the Foreign: Culture and Translation in Romantic Germany*. Trans. S. Heyvaert. Albany: State U. of New York P, 1992.
- Casanova, Pascale. *La Republique mondiale des lettres*. Paris: Seuil, 1999.
- Cronin, Michael. *Translation and Globalization*. London: Routledge, 2003.
- _____. *Translation and Identity*. London: Routledge, 2006.
- Damrosch, David. *What is World Literature?* Princeton: Princeton UP, 2003.
- Flotow, Luise von. *Translating in the "Era of Feminism."* Perspectives on Translation. Manchester UK/Ottawa: St. Jerome/University of Ottawa P, 1997.
- Hermans, Theo (ed.). *Translating Others*. 2 vols. Manchester UK: St. Jerome, 2006.
- Lefevere, André. *Translating Literature: Practice and Theory in a Comparative Literature Context*. New York: The Modern Language Association of America, 1992.
- Levine, Suzanne Jill. *The Subversive Scribe: Translating Latin American Fiction*. Saint Paul: Graywolf Press, 1991.
- Moretti, Franco. *Graphs, Maps, Trees: Abstract Models for a Literary History*. London/New York: Verso, 2005.
- Munday, Jeremy (ed.). *The Routledge Companion to Translation Studies*. London/New York: Routledge, 2009.
- Said, Edward W. *Humanism and Democratic Criticism*. New York: Columbia UP, 2004.
- Simon, Sherry. *Translating Montreal: Episodes in the Life of a Divided City*. Montreal: McGill-Queen's UP, 2006.
- Spivak, Gayatri Chakravorty. *Death of a Discipline*. New York: Columbia U P, 2003.

- _____. The Politics of Translation. In: _____. *Outside in the Teaching Machine*. London/New York: Routledge, 1993. 179-200.
- _____. Translating into English. In: Bermann, Sandra; Wood, Michael (eds.) *Nation, Language and the Ethics of Translation*. Princeton: Princeton UP, 2005. 93-110.
- Tymoczko, Maria. Reconceptualizing Western Translation Theory: Integrating Non-Western Thought about Translation. *Hermans 1*: 13-32.
- Venuti, Lawrence. *The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference*. London and New York: Routledge, 1998.
- _____. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London/New York: Routledge, 1995.
- _____. (ed.). *The Translation Studies Reader*. London/New York: Routledge, 2004.